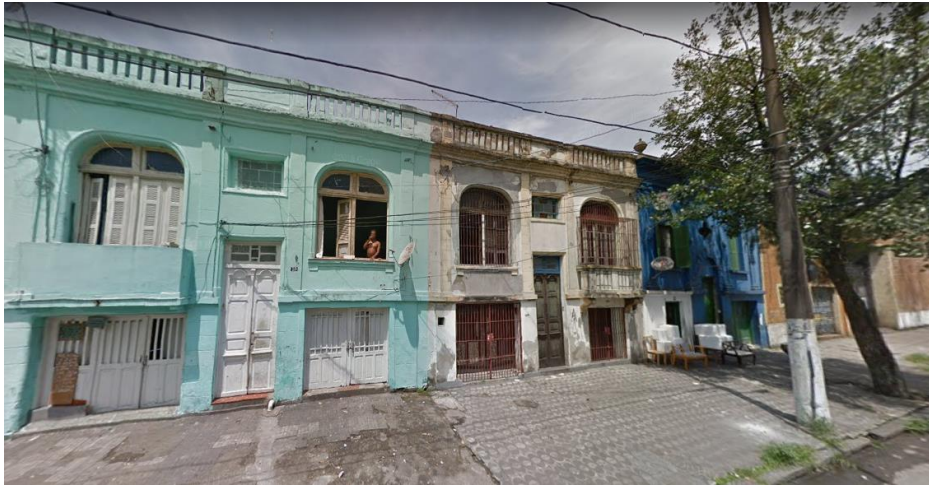


Macuco...

Nelson Di Francesco



Provavelmente foi assim...

Provavelmente: significados apresentados por alguns dicionários: Com probabilidade de vir a ocorrer, certamente, seguramente, de modo provável, naturalmente, com certeza, que se pode comprovar, possivelmente...

Eles seguiam para algum lugar na manhã ensolarada daquele sábado, 27 de abril de 2019.

Pouco mais das 9:30 horas da manhã. Um horário ainda cedo para a região da chamada Bacia do Macuco, (ou apenas Bacia, ou Macuco) aqui na cidade de Santos, litoral do Estado de São Paulo. Fazia calor, cerca de 27 graus C.

Rua Campos Melo, altura do número 17 (foto acima). Foi aproximadamente em frente a esse imóvel que nós os avistamos. Eu estava no carro e seguia para São Paulo. Deveria ter descido, falado com a dupla e pedido para tirar uma foto, mas nada disso aconteceu. Acho que foi até bom. Eles certamente ficariam assustados com a inusitada abordagem, poderiam correr, gritar, anotar a placa do carro e, depois até que eu justificasse minha real intenção de escritor, muita coisa desagradável poderia acontecer... Os tempos mudaram.

Assim sendo, vou relatar o que pude visualizar naqueles vinte segundos (se tanto) em que o nosso carro ficou parado junto ao farol. Mais do que ver, senti.

Possibilidade I – Seguiriam eles até a Padaria Modelo Pães e Doces, localizada à Rua Campos Melo, 104?

Possibilidade II – Iriam até um cortiço na vizinhança para encontrar outros amigos, formar o trio, ou quarteto e daí seguirem para seu “trabalho diário”, ou seja: diversões, travessuras...?

Possibilidade III – Iam ou voltavam de algum dos numerosos Centros Espíritas situados nos arredores (talvez lá tomassem café da manhã...): C.E. Caridade, Dr. Luiz Monteiro de Barros, Eulália, Fé – Amor e Caridade, Casa Vó Benedita, Espaço Esperança, Grupo Espírita Fraternidade, Grupo Amigo do Lar Pobre, Igreja Santa Bakhita (entre outros).

Acredito mais na primeira hipótese.

Mas, afinal, quem era essa dupla que tanto chamou minha atenção?

Chega de suspense...

Do carro eu avistei dois meninos – certamente moradores do bairro – com idade aproximada entre 7 e 8 anos. Magrinhos (talvez com uns 23/25 quilos) e altura perto de 1,20m, pouco mais ou menos.

Eram amigos. Seguiam lado a lado e falavam alguma coisa. Descalços, sem camiseta, trajando apenas longas bermudas (chegando até a metade da canela). Crianças de cor branca, mas poderiam ser negras ou pardas, tanto faz.

O menino que estava rente à calçada usava bermuda azul e branca, listrada. Era o mais bonito e falante. Gesticulava e já era dono de um característico gingado (minha companheira, motorista do carro, disse que ele até rebojava, com um jeitinho de malandro...). Andavam rápidos, talvez estivessem atrasados para algum compromisso, encontro, ou como se alguém esperasse por eles naquela manhã evidenciadora de um dia com temperaturas elevadas e sem chuvas.

Passado aquele momento, para mim mágico, lembrei-me imediatamente do meu tempo de garoto com semelhante idade, lá no Bom Retiro, bairro da cidade de São Paulo onde nasci e morei até os 27 anos de idade. Ressalve-se, entretanto, que por causa da grande diferença de temperatura (lá sempre mais frio e ainda época da decantada São Paulo da garoa) não nos era permitido sair à rua sem camiseta e sem sapato. Bermudas não eram trajes comuns em nosso vestuário. Ou eram calções ou então calças compridas. Nossas mães eram mais bravas, responsáveis, não deixavam... Quase não usávamos chinelos àquela época. Era sapato ou tênis.

Vocês se enganam se pensarem que por causa disso nossos movimentos eram vigiados. Éramos crianças espertas... E as mães tinham inúmeros afazeres.

Acostumados estávamos à miscigenação de raças. O Bom Retiro sempre foi (e até hoje ainda é) uma Babel de povos. Eu possuía amigos israelitas, portugueses, negros, nordestinos, japoneses, árabes e italianos iguais a mim.

Os perigos eram menores e, conseqüentemente, a rua era o nosso quintal; palco de crianças quase pobres e moradoras em cortiços. Eu mesmo morei até os 12 anos numa antiga e assobradada casa com portão de ferro na entrada e diversas habitações coletivas lá dentro. Felizes tempos! Tempo de brincar na rua com a turma e de frequentar a Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora onde ficava a Comunidade de Dom Bosco e seu Oratório Festivo.

Deixemos as memórias... Voltemos à dupla do bairro do Macuco, aqui em Santos, onde fixei residência a partir da Primavera de 2017 e de lá pra cá tenho me inspirado e escrito coisas abrangendo esse novo e interessante cotidiano.

Aquela imagem ficou por vários dias povoando minha mente, como se quisesse me lembrar de que eu precisaria relatar o flagrante, escrever qualquer coisa, uma pequena crônica que fosse, e agora o fiz.

Confesso que momentaneamente voltei no tempo, imaginando que eu era um daqueles felizes meninos caminheiros do sábado. Despreocupados com a Vida, descompromissados com Ela. Absolutamente nada eles deviam a Ela... Antes disso, estavam irmanados e atentos em viver a SUA própria vida, que é o que afinal conta.

Os dias atuais são mágicos, únicos, ainda distantes dos tempos em que lhes serão impostas condições de trabalho quase sempre indesejáveis, estranhas, com baixíssima remuneração, forçando-os a abandonarem a época de criança pobre, porém recheada de acontecimentos e felicidades.

Haverá de chegar o infeliz momento em que não poderão mais andar assim tão à vontade, vestindo apenas gastas bermudas. Seus pés precisarão estar “protegidos” por qualquer calçado que vão limitar sua liberdade, mas os protegerão ao menos da sujeira daquelas ruas do velho bairro do Macuco.

O que dizer então do cabelo e unhas mal cuidadas e banhos rapidamente tomados sem que ninguém os submetesse às severas inspeções. Liberdade! Ousaria mesmo dizer: Felicidade!

Minha vontade seria a de gritar-lhes: Aproveitem ao máximo esse sábado e todos os outros dias da querida infância! Transformem as 24 em 48 horas e vivam aceleradamente. Vivam o presente. Esqueçam que haverá futuro (haverá mesmo?). Sorriam, corram, joguem muita bola

(futebol é outra coisa), nadem na beirada dos canais, pulem na água poluída da Bacia do Macuco, “choquem”, (pendurar-se na traseira e saltar na virada da esquina), mas com segurança, os inúmeros caminhões que cruzam o bairro, Estejam sempre “de olho” no movimento dos navios que entram e saem do porto. Muita coisa se poderá aprender... Frequentem as praias!

Andem em velhas bicicletas. Quanto mais velhas melhores. Se quebrarem, consertem-nas. Improvisem. No fim tudo volta a funcionar (experiência própria).

E que tal se aventurar pelos trilhos onde circulam quase sempre lentamente as composições ferroviárias da MRS Logística ou da America Latina Logística ou mesmo da RUMO? Uma vez ou outra não fará mal... Apenas fiquem espertos! Coloquem seus Anjos da Guarda para trabalharem, afinal eles estão aí pra isso, não é mesmo?

De que adiantará eu continuar a relacionar atividades/brincadeiras que talvez lhes sejam desconhecidas e que todo mundo insiste em que a juventude masculina deve experimentar? Bolinha de gude, pião, esconde-esconde, mocinho e bandido, colecionar e jogar figurinhas, durante as festas juninas fazer fogueiras e correr atrás de balões (perigosos num bairro recheado de velhos armazéns e imóveis quase em ruínas, além de tanques de combustíveis, em profusão por aí).

Como andar de carrinho de rolimã se não existem ladeiras no Macuco? Será possível? Seus tempos de crianças são outros e talvez pouco se possa comparar com o “outrora”. Contudo tenho certeza de que as brincadeiras e momentos de lazer existem. São diferentes daquelas que eu conheci e experimentei, mas existem.

Não esperem pela família perfeita, pelos pais sempre presentes, pela escola que não seja chata... Não se rebelem pelas inúmeras condições de desigualdade que se lhes mostrarão (e serão muitas). Acreditem em mim: Não existe a felicidade. Existem sim, muitos momentos mágicos e felizes. Aproveitem eles! Caberá somente a vocês saber identificá-los e separá-los daqueles falsamente rotulados como coisas boas... Fiquem atentos! Mantenham-se alertas!

Experimentem ter algum seguimento religioso seja ele qual for, desde que lhes mostrem o caminho do bem e o verdadeiro Criador.

Ainda na dúvida, e na calada da noite, nos derradeiros momentos do dia, invoquem a proteção de seu amigo Anjo da Guarda, que Ele saberá fazer as conexões necessárias. Desafiem todos, menos pai e mãe. Se possuírem avós, vocês serão criaturas privilegiadas! Uma avó não tem preço, é algo indefinível. É preciso cultuá-la e adorá-la como se deusa fosse (e não serão mesmo?).

Andem em grupo de uns 4 ou 5 meninos. Se possível frequentem a mesma escola. Cantem, andem irmanados, Se necessário for, comprem brigas, desafios, não levem desaforos pra casa, afinal o Lar é sagrado. Não se traiam, não se ignorem, não se decepcionem uns com os outros. Se algo estiver errado, parem e consertem. Voltem ao ponto de partida.

Conheçam namoradas. Namorem desde cedo, porém tenham cautela e respeito... Escolham as amizades...

Acho que eu me distraí. Fiquei à deriva nessa crônica, mas acreditem: Tudo isso que foi dito e sentido é verdadeiro. Aos poucos vocês encontrarão esses momentos e desejo que um dia sejam saudosos deles e não arrependidos porque deixaram de testar/experimentar/executar algo.

Eu mesmo executei uma parte dessas “tarefas” quando tive a idade dos garotos protagonistas dessa crônica. Entretanto eu deveria ter realizado mais. Que pena...

Hoje, mais de meio século depois, vivendo emoções condizentes com o meu perfil, gostaria de na infância ter caminhado pelas ruas do Macuco. Gostaria de ter desfrutado, desde criança, da amizade e companhia de um grande amigo mineiro, lá de São João d’El-Rey, encontrado em tardia idade, que considero um verdadeiro irmão: Eu, alguns meses mais velho, e ele um pouco mais forte (oferecendo-me cobertura em possíveis encrencas), certamente nos escutaríamos e juntos perambularíamos por lá, sem eira, nem beira, contando talvez com uma pobre tribeira...

Mesmo assim, não ousassem nos prejudicar, pois poderíamos perder também as estribeiras, em defesa de nossa real liberdade, ainda que tardia!

Nessa crônica eu poderia ter falado mais do Macuco, afinal assuntos não faltam. O bairro do Macuco é, na realidade, um grande “livro” ainda não totalmente escrito, o que dizer aberto e lido. Possui inúmeras páginas em branco à espera das “letras”.

Para os interessados em saber mais sobre a História da cidade de Santos, eu aconselho consultar <http://www.novomilenio.inf.br/santos>, ou o site memoriassantistas.com.br. São essas as principais fontes onde eu bebo informações, e não me canso de consultá-las. Muito interessante!

Ficam aqui, contudo, algumas rápidas informações.

- Origem histórica do bairro:

O Macuco é o bairro mais antigo da cidade de Santos.

Até a metade do século passado, este bairro operário era o maior e mais populoso da cidade, sendo depois subdividido para surgirem Estuário, Outeirinhos, Aparecida e Porto Macuco.

Provém sua história da tradicional família Macuco, possuidora de grande parte da gleba onde se formou a Vila Macuco. *“Seu chefe, Francisco Manoel do Sacramento, português, nascido em 1777, açougueiro, costumava praticar pequenas caçadas, embrenhando-se na mata que ladeava as margens do lagamar do Enguaguaçu (canal portuário), a procura de sua presa predileta, o macuco. Devido as suas incessantes caçadas a esta ave silvestre, o senhor Francisco Manoel do Sacramento ficou conhecido pelos moradores da região como o “Sacramento dos Macucos”, que longe de agastar-se, acrescentou-o ao sobrenome, de modo que também seus descendentes se tornaram Macuco”*.

O macuco-ave, ameaçado de extinção, hoje é desconhecida por lá. Seu nome é *Tinamus solitarius*. É o maior representante dos Tinamídeos na Mata Atlântica, atingindo cerca de 52 cm de comprimento e pesando até 1,8 quilos. Muito arisco e desconfiado, exigia do caçador muita técnica e perícia.



- Arquitetura e habitações:

No bairro observam-se diferentes formas de moradias: poucas residências de padrão elevado, os antigos chalés de madeira, os centenários e outrora imponentes casarões, casas geminadas (assobradadas ou não), deterioradas, descaracterizadas, destinadas principalmente ao uso coletivo, e muitas transformadas nos populares cortiços.

“Em Santos, além das vilas de casas geminadas, construídas por empreiteiros sem formação técnica para os trabalhadores, foram criados chalés de madeira ainda mais informais. Os chalés são característicos da região santista, dado que pouco ou nada existe de semelhante no estado de São Paulo, a começar pela capital, sempre tão próxima. Esses chalés ocuparam, em geral, as regiões pouco valorizadas pela especulação imobiliária, como o Marapé, a distante Ponta da Praia, e o proletário Macuco...” (Arnaldo Ferreira Marques Júnior Pesquisa Anna Cristina Rodopiano de Carvalho – Inventário de Estilos Arquitetônicos da cidade de Santos).

Da mesma forma que a região central da cidade e bairros circunvizinhos chama a atenção por apresentarem ainda antigas e seculares habitações, o Macuco também as possui. Quase todas as

casas (muitas assobradadas) aguardam por restaurações e reformas que certamente não virão. Lamentavelmente!

Desconheço outras cidades brasileiras, mesmo incluindo Rio de Janeiro, Salvador e as principais históricas de Minas Gerais, que possuam uma coleção de imóveis tão grande e variada em estilos arquitetônicos dignos de estudos como as encontradas aqui em Santos.

Mais do que um “prato cheio” para arquitetos, engenheiros, historiadores, sociólogos, entre outros, esse ambiente coletivo merece e precisa ser estudado com carinho, competência, abrangência e pressa, principalmente pressa, pois a especulação imobiliária os observa atentamente, e não é surpresa constatarmos que alguns desses patrimônios se tornam escombros num piscar de olhos, ou após chuva mais forte acompanhada de ventos que derrubaram uma parede, uma árvore que caiu sobre o muro da decrepita habitação, e aí, nada mais restará a fazer, a não ser a sua total demolição. Mais uma página da história da arquitetura santista que será rasgada!

Assim sendo, o atual Macuco e suas antigas residências com extravagantes pinturas multicoloridas lembraram-me, em momentos, o bairro “Caminito” lá de Buenos Aires, quando de minha estada novamente na Argentina de que tanto gosto.

Destaque-se ainda que são imóveis compostos de portas altas feitas em madeira, com almofadas, postigos emoldurados por aramados de ferro forjado, bandeiras vazadas que ficam no alto das janelas e portas, umbral em pedra de cantaria, ornatos, pinhas, datas da construção ainda aparentes com belos e rebuscados números a chamar nossa atenção, tal qual um grito, um grito no escuro.

Um bairro construído pelos próprios moradores, em maior parte trabalhadora do porto; de armazéns de café, de açúcar... De navios que vem e vão com seus apitos que cortam a manhã cinzenta e atravessam a vida de quem mora no macuco - o bairro mais antigo da cidade de Santos - que antes fora conhecido como “o grande macuco”, onde 30% da população da cidade morava no bairro.

“Reduto de portugueses e espanhóis que, pela robustez física, eram preferidos para trabalhar no cais, o Macuco era conhecido, a um século atrás, pelos valentões que ali residiam, impondo respeito pela força e pela coragem: Antônio Navalhada, Peixinho, Niaça, Pirolão, Negro Pimpão, Lalau e Cabeleira, e até o Simeão (que matou o Navalhada, mas era muito querido entre as crianças)”.

Crianças! Sempre muitas crianças povoando as habitações de outrora, já deterioradas e hoje transformadas em cortiços... *“Quem conseguia segurar a criançada dentro de casa? Não faltava espaço nos quintais, mas as cercas representavam uma barreira que todos queriam vencer. Bom mesmo era ganhar as ruas, desvendar os segredos ocultos atrás da próxima esquina... Chegar até à Bacia do Macuco, onde sempre sobrava algum canto livre para os moleques exercitarem seus saltos e nadarem. Tudo quanto é criança das imediações aprendia a nadar naquelas águas, transparentes a ponto de se poder enxergar o dedão do pé no fundo”*

“Também ficaram famosas na cidade as traquinagens da molecada do Macuco. Como a história do cão Tigre, que devia proteger as goiabeiras das rapinagens infantis, mas se tornou amigo das crianças, ajudando no assalto ao pomar. E era assim, desde que o poderoso canto dos galos acordava o sol, até que a lua colocasse todo mundo na cama”.

“Numa analogia, seria como se a paisagem do Macuco fosse uma colcha de retalhos, com tecidos de texturas e cores diferenciadas, que poderiam ser relacionados às formas e que, apesar das diferenças existentes em cada retalho, formassem uma única colcha com as funções de moradia, de trabalho, de lazer, enfim, a reprodução cotidiana...” Nos dizem os relatos históricos consultados.

Quanto de interessante existe para ser contado sobre o Macuco de outrora! Lamento eu não ter vivenciado muitas dessas situações e agora poder relatar fielmente tais acontecimentos.

Até mesmo um episódio curioso lembrando um possível “vulcão” aconteceu no bairro. Resumidamente foi assim (copiado do site *Memórias santistas*):

Fenômeno foi responsável pelo registro da primeira atração turística da cidade

28 de dezembro de 1896, Vila Macuco, Santos.

Eram quase 13 horas quando operários da Comissão de Saneamento de Santos, trabalhando na implantação de um complexo sistema de esgoto no bairro operário da Vila Macuco, se depararam a uma estranha situação. Depois de introduzirem um tubo de 17 metros no solo do Varjão dos Outeirinhos, para o assentamento de máquinas que teriam a missão de acomodar malhas de concreto na rede local, uma forte corrente de ar frio rompeu pela tubulação, assustando a todos.

O chefe do serviço, diante da situação, suspendeu os trabalhos e logo reportou o ocorrido aos superiores. Horas se passaram sem que o ar frio não cessasse de escapar, fato que varou a noite num ritmo bastante sinistro.

Por volta das 6 horas da manhã do dia 29, a corrente de ar se intensificou de tal maneira, que um forte zumbido se fez ouvir, seguido de apitos que emanavam ora som grave, ora agudo, em intensidades intercaladas de força.

Enquanto todos se perguntavam o que estaria acontecendo e buscavam respostas para o fato, às 7h30 o ar frio expelido pelo cano passou a ser acompanhado de uma espécie de água arroxeadada, expelida com bastante intensidade pelo mesmo tubo.

Causando espanto a todos, a estranha mistura se inflamou e começou a produzir uma chama de cor amarela, ao mesmo tempo em que alguns pedaços de lodo róseo petrificados começaram a cair no entorno daquela espécie de gêiser.

Por mais de um mês o “vulcão” ficou ativo, queimando toneladas de gás natural, do bolsão que fora perfurado pelos homens da Companhia de Saneamento. Até o dia 31 de dezembro, mais de 8 mil pessoas já haviam contemplado o espetáculo, a maior queima já registrada na cidade. O fogo só extinguiu em janeiro de 1897.



Desenho de Lauro Ribeiro da Silva, o Ribs, sobre o Vulcão do Macuco

FIM

(Dedico esta crônica ao Grande Amigo José Antônio de Ávila Sacramento, duplamente meu confrade, nascido e morador na querida cidade mineira de São João d’El-Rey, que tanto admiro)